Receita de acordar palavras

Palavras são como estrelas
Facas ou flores
Elas têm raízes pétalas espinhos
São lisas leves ou densas
Para acordá-las basta um sopro
Em sua alma
E como pássaros
Vão encontrar seu caminho.

(MURRAY, Roseana. Receitas de olhar, SP. FTD, 1997)

No poema, a autora define subjetivamente o que são palavras. Para tanto, realiza comparações com elementos da natureza ("estrelas", "flores") e com instrumentos do cotidiano ("facas") para, então, atribuir características ("lisas", "leves", "densas"). Pode-se dizer que a poetisa utilizou, por meio da língua, a "linguagem da poesia" para expressar um discurso. Segundo Celso Cunha & Lindley Cintra, "a distinção entre linguagem, língua e discurso, [é] indispensável do ponto de vista metodológico", isto significa que é necessário que se realize a diferença entre esses conceitos para uma melhor compreensão do processo de comunicação humana.

Conforme a definição dos autores, LÍNGUA é um sistema gramatical que pertence a um grupo de indivíduos, cuja utilização expressa a consciência de uma coletividade e, por isso, está em constante evolução. Seria, assim, um conjunto de "leis" criado por uma sociedade por meio do qual é possível estabelecer um convívio, um entendimento entre as pessoas.

O conceito de LINGUAGEM é mais amplo e está relacionado à expressão da língua. Trata-se da representação do pensamento por meio de quaisquer sinais convencionados. Esses sinais organizam-se de duas formas essenciais: verbais — que apresentam como instrumento a palavra — ou não verbais — expressos por gestos, cores, movimentos, sons, imagens. Também podem agir em sinais mistos, confluindo as linguagens verbal e não verbal.



Linguagem verbal | Linguagem não verbal | Linguagem mista

Esses sinais (ou signos) convencionados por uma comunidade para a transmissão das mensagens são chamados de códigos.



(AROEIRA, em O Dia, 08/06/2010, www.chargeonline.com.br)

Na charge de Cícero, há um pensamento crítico em relação ao aquecimento global, grande preocupação no mundo hoje. Percebem-se elementos verbais e não verbais que contribuem para o entendimento da mensagem. O questionamento do filho sobre a existência de gelo e o próprio título aliados à imagem dos pinguins ilhados revelam a expectativa do emissor sobre o futuro do planeta.

O DISCURSO é a reprodução da língua por meio de uma linguagem executada por um indivíduo dentro de um convívio social. Por ser algo subjetivo, é a expressão de um interesse e de um pensamento. A maneira como será expresso a sociedade dependerá do estilo ("aspecto" da forma de expressão de um discurso) daquele que o cria e o transmite aos demais.

A partir da diferenciação entre língua, linguagem e discurso fica claro que o processo de comunicação implica a troca de conhecimentos e experiências entre os indivíduos envolvidos, ou seja, o ato da fala/escrita está relacionado a um ato social.

Veja o texto a seguir:

A AÇÃO DA COMUNICAÇÃO

Quando um enunciador comunica alguma coisa, tem em vista agir no mundo. Ao exercer seu fazer informativo, produz um sentido com a finalidade de influir sobre os outros. Deseja que o enunciatário creia no que lhe diz, faça alguma coisa, mude o comportamento ou de opinião etc. Ao comunicar, age no sentido de fazer-fazer. Entretanto, mesmo que não pretenda que o destinatário aja, ao fazê-lo saber alguma coisa, realiza uma ação, pois torna o outro detentor de um certo saber.

(Platão, F.S. & Fiorin, J, L. Lições do texto: Leitura e Redação. SP. Ática, 1996.)

Com base no texto do Professor Fiorin, é possível entender que a intenção de um enunciador, por exemplo, pode não ser a de fazer com que o seu interlocutor mudar de opinião ou de comportamento sobre um assunto, mas que reflita sobre o seu discurso. O pensamento do enunciador não precisa ser uma realidade absoluta, mas representa o pensamento de seu criador sobre sua realidade social, naquele momento. O objetivo da comunicação, neste caso, é levar o interlocutor à reflexão. Desta forma, pode-se dizer que o ato da comunicação foi realizado.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

01. (ENEM)

Entre ideia e tecnologia

O grande conceito por trás do Museu da Língua é apresentar o idioma como algo vivo e fundamental para o entendimento do que é ser brasileiro. Se nada nos define com clareza, a forma como falamos o português nas mais diversas situações cotidianas é talvez a melhor expressão da brasilidade.

(SCARDOVELI, E. Revista Língua Portuguesa. SP. Segmento, Ano II, no 6, 2006.)

O texto propõe uma reflexão acerca da língua portuguesa, ressaltando para o leitor a:

a) inauguração do museu e o grande investimento em cultura no país;
b) importância da língua para a construção da identidade nacional;
c) afetividade tão comum ao brasileiro, retratada através da língua;
d) relação entre o idioma e as políticas públicas na área de cultura;
e) diversidade étnica e linguística existente no território nacional.

02. (ENEM)

De domingo

— Outrossim...
— O quê?
— O que o quê?
— O que você disse.
— Outrossim?
— É.
— O que é que tem?
— Nada. Só achei engraçado.
— Não vejo a graça.
— Você vai concordar que não é uma palavra de todos os dias.
— Ah, não é. Aliás, eu só uso domingo.
— Se bem que parece mais uma palavra de segunda-feira.
— Não. Palavra de segunda-feira é "óbice".
— "Ônus".
— "Ônus" também. "Desiderato". "Resquício".
— "Resquício" é de domingo.
— Não, não. Segunda. No máximo terça.
— Mas "outrossim", francamente...
— Qual o problema?
— Retira o "outrossim".
— Não retiro. É uma ótima palavra. Aliás é uma palavra difícil de usar. Não é qualquer um que usa "outrossim".

VERISSIMO, L. F. *Comédias da vida privada*. Porto Alegre: L&PM, 1996 (fragmento).

No texto, há uma discussão sobre o uso de algumas palavras da língua portuguesa. Esse uso promove o(a)

a) marcação temporal, evidenciada pela presença de palavras indicativas dos dias da semana.
b) tom humorístico, ocasionado pela ocorrência de palavras empregadas em contextos formais.
c) caracterização da identidade linguística dos interlocutores, percebida pela recorrência de palavras regionais.
d) distanciamento entre os interlocutores, provocado pelo emprego de palavras com significados pouco conhecidos.
e) inadequação vocabular, demonstrada pela seleção de palavras desconhecidas por parte de um dos interlocutores do diálogo.

03. (ENEM)

Palavras jogadas fora

Quando criança, convivia no interior de São Paulo com o curioso verbo pinchar e ainda o ouço por lá esporadicamente. O sentido da palavra é o de "jogar fora" (pincha fora essa porcaria) ou "mandar embora" (pincha esse fulano daqui). Teria sido uma das muitas palavras que ouvi menos na capital do estado e, por conseguinte, deixei de usar. Quando indago às pessoas se conhecem esse verbo, comumente escuto respostas como "minha avó fala isso". Aparentemente, para muitos falantes, esse verbo é algo do passado, que deixará de existir tão logo essa geração antiga morrer.

As palavras são, em sua grande maioria, resultados de uma tradição: elas já estavam lá antes de nascermos. "Tradição", etimologicamente, é o ato de entregar, de passar adiante, de transmitir (sobretudo valores culturais). O rompimento da tradição de uma palavra equivale à sua extinção. A gramática normativa muitas vezes colabora criando preconceitos, mas o fator mais forte que motiva os falantes a extinguirem uma palavra é associar a palavra, influenciados direta ou indiretamente pela visão normativa, a um grupo que julga não ser o seu. O pinchar, associado ao ambiente rural, onde há pouca escolaridade e refinamento citadino, está fadado à extinção?

É louvável que nos preocupemos com a extinção de ararinhas-azuis ou dos micos-leão-dourados, mas a extinção de uma palavra não promove nenhuma comoção, como não nos comovemos com a extinção de insetos, a não ser dos extraordinariamente belos. Pelo contrário, muitas vezes a extinção das palavras é incentivada.

VIARO, M. E. *Língua Portuguesa*. n. 77, mar. 2012 (adaptado).

A discussão empreendida sobre o (des)uso do verbo "pinchar" nos traz uma reflexão sobre a linguagem e seus usos, a partir da qual compreende-se que

a) as palavras esquecidas pelos falantes devem ser descartadas dos dicionários, conforme sugere o título.
b) o cuidado com espécies animais em extinção é mais urgente do que a preservação de palavras.
c) o abandono de determinados vocábulos está associado a preconceitos socioculturais.
d) as gerações têm a tradição de perpetuar o inventário de uma língua.
e) o mundo contemporâneo exige a inovação do vocabulário das línguas.

04. (ENEM)

Azeite de oliva e óleo de linhaça: uma dupla imbatível

Rico em gorduras do bem, ela combate a obesidade, dá um chega pra lá no diabete e ainda livra o coração de entraves

Ninguém precisa esquentar a cabeça caso não seja possível usar os dois óleos juntinhos, no mesmo dia. Individualmente, o duo também bate um bolão. Segundo um estudo recente do grupo EurOlive, formado por instituições de cinco países europeus, os polifenóis do azeite de oliva ajudam a frear a oxidação do colesterol LDL, considerado perigoso. Quando isso ocorre, reduz-se o risco de placas de gordura na parede dos vasos, a temida aterosclerose - doença por trás de encrencas como o infarto.

MANARINI, T. *Saúde é vital*. n. 347, fev. 2012 (adaptado).

Para divulgar conhecimento de natureza científica para um público não especializado, Manarini recorre à associação entre vocabulário formal e vocabulário informal. Altera-se o grau de formalidade do segmento no texto, sem alterar o sentido da informação, com a substituição de

a) "dá um chega pra lá no diabete" por "manda embora o diabete".
b) "esquentar a cabeça" por "quebrar a cabeça".
c) "bate um bolão" por "é um show".
d) "juntinhos" por "misturadinhos".
e) "por trás de encrencas" por "causadora de problemas".

05. (ENEM) No ano de 1985 aconteceu um acidente muito grave em Angra dos Reis, no Rio de Janeiro, perto da aldeia guarani de Sapukai. Choveu muito e as águas pluviais provocaram deslizamentos de terras das encostas da Serra do Mar, destruindo o Laboratório de Radioecologia da Central Nuclear Almirante Álvaro Alberto, construída em 1970 num lugar que os índios tupinambás, há mais de 500 anos, chamavam de Itaorna. O prejuízo foi calculado na época em 8 bilhões de cruzeiros. Os engenheiros responsáveis pela construção da usina nuclear não sabiam que o nome dado pelos índios continha informação sobre a estrutura do solo, minado pelas águas da chuva. Só descobriram que Itaorna, em língua tupinambá, quer dizer 'pedra podre', depois do acidente.

FREIRE, J. R. B. Disponível em: www.taquiprati.com.br. Acesso em: 1 ago. 2012 (adaptado).

Considerando-se a história da ocupação na região de Angra dos Reis mencionada no texto, os fenômenos naturais que a atingiram poderiam ter sido previstos e suas consequências minimizadas se

a) o acervo linguístico indígena fosse conhecido e valorizado.
b) as línguas indígenas brasileiras tivessem sido substituídas pela língua geral.
c) o conhecimento acadêmico tivesse sido priorizado pelos engenheiros.
d) a língua tupinambá tivesse palavras adequadas para descrever o solo.
e) o laboratório tivesse sido construído de acordo com as leis ambientais vigentes na época.

06. (ENEM)

Secretaria de Cultura

EDITAL

NOTIFICAÇÃO — Síntese da resolução publicada no Diário Oficial da Cidade, 29/07/2011 — página 41 — 511ª Reunião Ordinária, em 21/06/2011.

Resolução nº 08/2011 — TOMBAMENTO dos imóveis da Rua Augusta, nº 349 e nº 353, esquina com a Rua Marquês de Paranaguá, nº 315, nº 327 e nº 329 (Setor 010, Quadra 026, Lotes 0016-2 e 00170-0), bairro da Consolação, Subprefeitura da Sé, conforme o processo administrativo nº 1991-0.005.365-1.

Folha de S. Paulo, 5 ago. 2011 (adaptado).

Um leitor interessado nas decisões governamentais escreve uma carta para o jornal que publicou o edital, concordando com a resolução sintetizada no Edital da Secretaria de Cultura. Uma frase adequada para expressar sua concordância é:

a) Que sábia iniciativa! Os prédios em péssimo estado de conservação devem ser derrubados.
b) Até que enfim! Os edifícios localizados nesse trecho descaracterizam o conjunto arquitetônico da Rua Augusta.
c) Parabéns! O poder público precisa mostrar sua força como guardião das tradições dos moradores locais.
d) Justa decisão! O governo dá mais um passo rumo à eliminação do problema da falta de moradias populares.
e) Congratulações! O patrimônio histórico da cidade merece todo empenho para ser preservado.

07. (ENEM)

TEXTO I

Antigamente

Antigamente, os pirralhos dobravam a língua diante dos pais e se um se esquecia de arear os dentes antes de cair nos braços de Morfeu, era capaz de entrar no couro. Não devia também se esquecer de lavar os pés, sem tugir nem mugir. Nada de bater na cacunda do padrinho, nem de debicar os mais velhos, pois levava tunda. Ainda cedinho, aguava as plantas, ia ao corte e logo voltava aos penates. Não ficava mangando na rua nem escapulia do mestre, mesmo que não entendesse patavina da instrução moral e cívica. O verdadeiro smart calçava botina de botões para comparecer todo liró ao copo d'água, se bem que no convescote apenas lambiscasse, para evitar flatos. Os bilontras é que eram um precipício, jogando com pau de dois bicos, pelo que carecia muita cautela e caldo de galinha. O melhor era pôr as barbas de molho diante de um treteiro de topete, depois de fintar e engambelar os coiós, e antes que se pudesse tudo em pratos limpos, ele abria o arco.

ANDRADE, C. D. *Poesia e prosa*. Rio de janeiro: nova Aguilar, 1983 (fragmento).

TEXTO II

Palavras do arco da velha	
Expressão	**Significado**
Cair nos braços de Morfeu	Dormir
Debicar	Zombar, ridicularizar
Tunda	Surra
Mangar	Escarnecer, caçoar
Tugir	Murmurar
Liró	Bem-vestido
Copo d'água	Lanche oferecido pelos amigos
Convescote	Piquenique
Bilontra	Velhaco
Treteiro de topete	Tratante atrevido
Abrir o arco	Fugir

FLORIN, J. L. As línguas mudam. In: Revista Língua Portuguesa, n. 24, out. 2007 (adaptado).

Na leitura do fragmento do texto *Antigamente* constata-se, pelo emprego de palavras obsoletas, que itens lexicais outrora produtivos não mais o são no português brasileiro atual. Esse fenômeno revela que

a) a língua portuguesa de antigamente carecia de termos para se referir a fatos e coisas do cotidiano.
b) o português brasileiro se constitui evitando a ampliação do léxico proveniente do português europeu.
c) a heterogeneidade do português leva a uma estabilidade do seu léxico no eixo temporal.
d) o português brasileiro apoia-se no léxico inglês para ser reconhecido como língua independente.
e) o léxico do português representa uma realidade linguística variável e diversificada.

08. (ENEM)

ANTIGAMENTE

Acontecia o indivíduo apanhar constipação; ficando perrengue, mandava o próprio chamar o doutor e, depois, ir à botica para aviar a receita, de cápsulas ou pílulas fedorentas. Doença nefasta era a phtísica, feia era o gálico. Antigamente, os sobrados tinham assombrações, os meninos, lombrigas (...)

Carlos Drummond de Andrade. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Companhia José Aguilar, p. 1.184.

O texto acima está escrito em linguagem de uma época passada. Observe uma outra versão, em linguagem atual.

ANTIGAMENTE

Acontecia o indivíduo apanhar um resfriado; ficando mal, mandava o próprio chamar o doutor e, depois, ir à farmácia para aviar a receita, de cápsulas ou pílulas fedorentas. Doença nefasta era a tuberculose, feia era a sífilis. Antigamente, os sobrados tinham assombrações, os meninos, vermes (...)

Comparando-se esses dois textos, verifica-se que, na segunda versão, houve mudanças relativas a

a) vocabulário.
b) construções sintáticas.
c) pontuação.
d) fonética.
e) regência verbal.

09. (ENEM) O autor do texto abaixo critica, ainda que em linguagem metafórica, a sociedade contemporânea em relação aos seus hábitos alimentares.

"Vocês que têm mais de 15 anos, se lembram quando a gente comprava leite em garrafa, na leiteira da esquina? (...)

Mas vocês não se lembram de nada, pô? Vai ver nem sabem o que é vaca. Nem o que é leite. Estou falando isso porque agora mesmo peguei um pacote de leite - leite em pacote, imagina, Tereza! - na porta dos fundos e estava escrito que é pasterizado, ou pasteurizado, sei lá, tem vitamina, é garantido pela embromatologia, foi enriquecido e o escambau.

Será que isso é mesmo leite? No dicionário diz que leite é outra coisa: 'Líquido branco, contendo água, proteína, açúcar e sais minerais'. Um alimento pra ninguém botar defeito. O ser humano o usa há mais de 5.000 anos. É o único alimento só alimento. A carne serve pro animal andar, a fruta serve pra fazer outra fruta, o ovo serve pra fazer outra galinha (...) O leite é só leite. Ou toma ou bota fora.

Esse aqui examinando bem, é só pra botar fora. Tem chumbo, tem benzina, tem mais água do que leite, tem serragem, sou capaz de jurar que nem vaca tem por trás desse negócio.

Depois o pessoal ainda acha estranho que os meninos não gostem de leite. Mas, como não gostam? Não gostam como? Nunca tomaram! Múúúúúúú!"

(FERNANDES, Millôr. O Estado de S. Paulo, 22 de agosto de 1999)

A palavra *embromatologia* usada pelo autor é:

a) um termo científico que significa estudo dos bromatos.
b) uma composição do termo de gíria "embromação" (enganação) com bromatologia, que é o estudo dos alimentos.
c) uma junção do termo de gíria "embromação" (enganação) com lactologia, que é o estudo das embalagens para leite.
d) um neologismo da química orgânica que significa a técnica de retirar bromatos dos laticínios.
e) uma corruptela de termo da agropecuária que significa a ordenha mecânica.

10. (ENEM) Antes de Roma ser fundada, as colinas de Alba eram ocupadas por tribos latinas, que dividiam o ano de acordo com seus deuses. Os romanos adaptaram essa estrutura. No princípio dessa civilização o ano tinha dez meses e começava por Martius (atual março). Os outros dois teriam sido acrescentados por Numa Pompílio o segundo rei de Roma.

Até Júlio César reformar o calendário local, os meses eram lunares, mas as festas em homenagem aos deuses permaneciam designadas pelas estações O descompasso de dez dias por ano fazia com que, em todos os triênios, um décimo terceiro mês, o Intercalaris, tivesse que ser enxertado. Com a ajuda de matemáticos do Egito emprestados por Cleópatra, Júlio César acabou com a bagunça ao estabelecer o seguinte calendário solar: Januarius, Februarius, Martius, Aprilis, Maius, Junius, Quinctilis, Sextilis, September, October, November e December. Quase igual ao nosso, com as diferenças de que Quinctilis e Sextilis deram origem aos meses de julho e agosto.

Disponível em: https://aventurasnahistoria.uol.com.br. Acesso em: 8 dez. 2018.

Considerando as informações no texto e aspectos históricos da formação da língua, a atual escrita dos meses do ano em português

a) reflete a origem latina de nossa língua.
b) decorre de uma língua falada no Egito antigo.
c) tem como base um calendário criado por Cleópatra.
d) segue a reformulação da norma da língua proposta por Júlio César.
e) resulta da padronização do calendário antes da fundação de Roma.

GABARITO

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

01. B	03. C	05. A	07. E	09. B
02. B	04. E	06. E	08. A	10. A

ANOTAÇÕES